

A COMUNICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA ATRAVÉS DE SÍMBOLOS

THE COMMUNICATION OF THE RELIGIOUS EXPERIENCE THROUGH SYMBOLS

Ana María Formoso Galarraga¹

Resumo:

O artigo tem o objetivo de analisar a importância da linguagem simbólica na Experiência Religiosa, como uma dimensão de vida e de resistência no processo de formação de identidades coletivas. O desenvolvimento da temática tem como referência teórica a obra “*As Linguagens da Experiência Religiosa*” de José Croatto e a sistematização dos diálogos com alunos/as da disciplina de Fenômeno Cultural e Religioso na Unilasalle durante dois anos. A metodologia utilizada transita entre a pesquisa bibliográfica e a sistematização de experiência. O texto responde às questões: Há lugar no espaço acadêmico para uma aprendizagem através do olhar simbólico? Em uma cultura exacerbada pelas palavras e pelas imagens como os símbolos religiosos se manifestam ou são manipulados nos processos educativos? Os elementos principais do artigo estão focalizados no uso interativo de símbolos tanto no Fenômeno Religioso como no processo educativo.

Palavras-chaves: Símbolos. Educação. Experiência Religiosa.

Abstract:

The article has the objective to analyse the importance of symbolic language in the religious experience as a dimension of life and resistance in the formation's process of collective identities. The development of the thematic has as theoretical reference in the book of José Croatto “*The languages of the religious experience*” and in the systematization of dialogs with the students of the discipline Cultural and Religious Phenomenon at the Unisalle University during two years. The method passes through the bibliographic research and the systematization of the experience. The text answers the questions: Is that a place in the academic space to learn through the symbolic language? In a culture exacerbated by words and images, how the religious symbols are expressed or manipulated in the educational processes? The main elements of the article focuses the interactive use of symbols as much in the religious phenomenon as in the educational process.

Keywords: Symbols. Education. Religious Phenomenon,

Considerações Iniciais

Em uma cultura exacerbada pelas palavras e pelas imagens os símbolos estão integrados nos espaços educativos e religiosos? Em um primeiro momento, descreve-se o Fenômeno Religioso como uma expressão religiosa que faz parte da cultura dos diferentes

¹ Ms. Teologia – PUCRS. Dra. em Educação pela UNISINOS. Profa. De Teologia e de Fenômenos Culturais Religiosos no UNILASALLE. Assessora de grupos sociais de mulheres e de educação ambiental. E-mail: anamformoso@yahoo.com.br

povos. Segue-se a compressão de Experiência Religiosa segundo Croatto². Corrobora-se a diferença entre religião institucional e experiência religiosa dentro de um marco de pesquisa com fundamentação teórica. Em um segundo momento, desenvolve-se a importância da educação do olhar que possibilita o resgate de uma atitude contemplativa e de observação no cotidiano da vida. A educação pelo diálogo com a imagem. Em um terceiro momento, a importância de símbolos que tiveram e têm uma função social nas tradições monoteístas e nos espaços religiosos do Candomblé e da Umbanda. Finalmente, um resgate da importância do simbólico em processos de vida e de resistência e o risco da manipulação consumista do simbólico desconectado do contexto histórico, social e religioso.

O Fenômeno Religioso e suas manifestações culturais

Todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa que se manifesta por meio de diferentes linguagens. Historiadores e antropólogos destacam que, em todos os tempos e em todos os lugares que se conhecem, nunca foi encontrado um povo que não expresse alguma crença em algum ou em alguns seres superiores. Cita-se Gaarder³. Os nomes que se dão a este/s ser/es superior/es variam nas formas de culto, nos povos, nos tempos, nas diferentes sociedades. Existem pessoas que se manifestam sem crenças religiosas, mas não povos.

No desenvolvimento do artigo, “expressão” é sinônimo de manifestação religiosa. A manifestação religiosa abre um espectro amplo de linguagem por meio da palavra oral e escrita, da arte, da música, da pesquisa, dos ritos. A pesquisa relaciona-se ao conceito de religião da época e ao desenvolvimento das diferentes ciências. Há abordagens com um acento mais antropológico, sociológico e nos últimos séculos os campos da psicologia e da saúde se aproximam dos espaços da religiosidade com suas diferentes manifestações e implicações para a vida em sociedade.

Ao longo da história, o conceito de religião foi sendo objeto de pesquisa e há um conceito que se refere ao aspecto institucional e doutrinário de determinada forma de vivência religiosa. Define-se por determinadas crenças e ritos referidos ao transcendente e

² CROATTO, J. Seveino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 41-175.

³ GAARDER, Jostein; HELLEN Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia do Bolso, 1989. p. 9.

entendidos como meios que oferecem salvação. Essas características expressam-se como ensinamentos, práticas e comportamentos religiosos, ligados a determinados tempos, lugares e monumentos, potenciando aos fiéis a vivência espiritual naquela tradição religiosa.^{4 5}

No início do século XX, Otto⁶ (1917/1985) inaugurou um novo modo de estudar o fenômeno religioso continuado depois por Mircea Eliade (1992). Eles se apartaram das análises tradicionais que enfatizavam a comparação entre as várias religiões para apontar as diferenças. Esse novo enfoque punha o acento na experiência religiosa que teria elementos semelhantes em todas as religiões. Com isso existe uma passagem do acento no institucional para o experiencial no estudo do fenômeno religioso.

Experiência Humana e Experiência Religiosa

Para a compreensão da Experiência Religiosa é necessário partir da experiência humana, mesmo que a finalidade da vivência religiosa seja transcendente, trata-se de uma experiência humana. Adentrar-se na experiência humana leva a retomar o que é próprio de dita experiência: a vivência relacional com o mundo, com outros grupos (família, clã, etnia, bairro, comunidade, clube, fraternidade, Igreja, partido político, grupo de música, comunidades virtuais, festas, trabalhos). Essa experiência humana é relacional e vai influenciar na socialização da Experiência Religiosa. A socialização é marcada pela palavra oral e escrita e pela linguagem simbólica.

Tillich⁷ escreveu “a experiência religiosa dá-se na experiência geral; elas podem ser diferenciadas, mas não separadas!”ⁱ O que muda é a relação com o sagrado ou com o mistério. Assim como toda vivência humana é relacional, a vivência religiosa é igualmente relacional e até mais, pois relaciona também a realidade humana com o transcendente. Apresenta-se nela característica irredutível e ao mesmo tempo será limitada à realidade (não na aspiração) e por isso, será um desejo e uma busca constante.

⁴ BOFF, Leonardo *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

⁵ LIBÂNIO, J. Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

⁶ OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo de elementos não racional na ideia do divino e sua relação com o racional*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985.

⁷ TILLICH, Paul. *Systematic theolgy*. São Paulo: Paulinas, 1967. p.15 7.

Outro aspecto da experiência humana é a limitação que se procura superar recorrendo ao sagrado. Nesta busca de superação religiosa, entra em cena o sagrado.

O sagrado é essencialmente uma relação entre o sujeito (o ser humano) e um termo (Deus), relação que se visualiza ou se mostra em um âmbito (a natureza, a história, as pessoas) ou em objetos, gestos, palavras etc. Sem essa relação nada é sagrado⁸.

Quando se quer passar do fragmentado ao total, do finito ao infinito, do limitado ao ilimitado, da aflição à esperança: ressurreição, libertação, então se usa um meio: o sagrado. Sendo a experiência religiosa humana, se requer o sagrado como mediação.

A limitação que é propriamente humana e a linguagem simbólica como mediação, trampolim para o universal, ilimitado. O Transcendente é uma dimensão formativa que necessita ser apreendida para saborear-se a pluralidade do simbólico. O ser humano tende à totalidade, por isso “sente” com tanta intensidade suas necessidades e limitações.

A experiência religiosa, segundo Croatto⁹, é abordada, mostrando que ela não pode ser separada da experiência em geral, embora sejam coisas diferentes. Sendo assim, enquanto a experiência religiosa continua humana, seu resultado será restrito à realidade, por isso será alvo de uma busca infundável. A fenomenologia da Religião pesquisa o significado e as mediações culturais e religiosas com o Transcendente. São muitos os instrumentos de pesquisa da Fenomenologia da Religião que estuda a experiência religiosa. Neste artigo, focaliza-se o estudo de um olhar através do simbólico. O símbolo é a chave, é a experiência fundante da experiência religiosa e alimenta todas as demais experiências. O símbolo não só comunica a experiência religiosa como também a recria, por isso é mediação entre o totalmente Outro e a pessoa que o experimenta.

A beleza da educação passa pela palavra e passa mais ainda pela postura dos gestos que se comunicam por meio de símbolos e signos nos espaços religiosos e acadêmicos

O olhar¹⁰ no processo formativo

As crianças aprendem não por conceitos, mas primeiro pela visão e depois pelas palavras. A comunicação através do olhar é uma linguagem universal que abre a

⁸ CROATTO..., 2001. p. 61.

⁹ CROATTO..., 2001.

¹⁰ Cf. PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo, Paulinas, 2008. P. 31-41.

interiorização, a contemplação e, sobretudo, uma comunicação além das palavras. Um processo além do diálogo eu-tu para abrir horizonte mais universal, afetivo, emocional que configura o gosto pela beleza e pela transcendência.

Beleza e olhar se aproximam refletindo o Transcendente. A Beleza da criação reflete a beleza do Criador (Sb, 13,5)¹¹, e esta beleza é a primeira palavra do Transcendente aos homens e às mulheres. Deus, o Transcendente, antes de revelar-se em palavras, revela-se mediante a beleza da criação e para os cristãos Deus se deixa ver no rosto de Jesus Cristo, cuja “face contém a glória de Deus” (2 Cor 4,6).

Olhar uma imagem, uma obra de arte, um símbolo necessita de tempo, observar seus detalhes, de permanecer no diálogo com a obra que se vai revelando, um processo não fácil de realizar no cotidiano da vida acadêmica. Igualmente as experiências em aula do olhar dos diferentes símbolos religiosos colaboraram para um processo de interiorização e de respeito com outras culturas, abrindo um horizonte de transcendência, de significados que levou para a resignificação da linguagem simbólica e suas implicações com a espiritualidade no campo religioso.

A espiritualidade manifesta-se como religiosa, quando essa transcendência repercute de tal forma na transformação da vida da pessoa que o experimentado não se explica apenas por forças contidas na sua interioridade, mas é sentido como a presença de Outro absoluto identificado com Deus. Assim a religiosidade é uma espiritualidade que assume a transcendência como divina, porque revela a presença da força de Outro na alma humana. Essa espiritualidade foi também chamada de mística.¹²

Os símbolos e suas manifestações de vida e resistência

Símbolo, do termo grego *symbolon*¹³, significa "lançar com, pôr junto com, juntar", duas metades: um significado e um significante e num sentido amplo do termo, também

¹¹ BIBLIA DE JERUSALÉM. Bilbao: Ed. Española, 1975. Todas as citações bíblicas são da mesma Bíblia.

¹² VASCONCELOS, E. Mourão. *A espiritualidade no cuidado e na educação em saúde*. São Paulo: Hucite, 2006. p. 13-157.

¹³ O termo símbolo, com origem no grego (*sýmbolon*), designa um elemento representativo que está (realidade visível) em lugar de algo (realidade invisível) que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia, determinado quantidade ou qualidade. O "símbolo" é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Cf. CROATTO..., 2001. P. 81-91.

considerado como um acordo, uma senha capaz de identificação de iguais que se separam. Uma das características do símbolo é a capacidade de transignificar, de ir além de seu significado primário. O símbolo, neste sentido, media, facilita o ser humano entre a “mediatez” de sua realidade e a “imediatez” que por ele mesmo é incapaz de alcançá-la. “Ele torna mediatemente presente o que está imediatamente ausente”.¹⁴ O símbolo torna presente o que está ausente, o que está fora do seu ser, mas ao mesmo tempo perto, pulsando no seu interior e que por isso mesmo busca unir estas duas tensões, incessantemente.

Pode-se afirmar que o símbolo tem a função de comunicar, porque essa é sua intencionalidade dar analogicamente outro sentido, mas aberto, universal, transcendental. Outra característica é sua capacidade de múltiplos significados, é aberto e possibilita a manifestação do maravilhoso, do mistério na realidade histórica. Uma experiência religiosa carrega uma significação transcendental, ainda que seja percebido de forma fragmentada seu conteúdo necessita ser explicitado por mediações abertas, então a importância da compreensão do simbólico nos espaços religiosos e na formação de grupos de redes.

Segundo Croatto¹⁵, os gregos tinham o costume, ao fazer um contrato, de quebrar em duas partes um objeto de cerâmica e cada pessoa levava consigo um pedaço. Uma reclamação posterior era legitimada, unindo (pondo junto = símbolo) as partes do objeto destruído. Esta união, para os gregos, permitia reconhecer que a amizade permanecia intacta. Ele “une o rompido e o fraturado”, duas coisas separadas, mas que se complementam. A realidade visível e a realidade invisível, ou o que a “transcende”. O símbolo colabora na aproximação do terreno com o divino; do aqui e agora com o transcendente; do finito com o infinito; da morte com a vida, vivenciando a realidade com outros saberes e sabores. A fenomenologia da religião e a psicologia da religião junto com outras ciências antropológicas têm encontrado no estudo da significação dos símbolos uma abordagem da realidade que traz novos significados e diálogos culturais e religiosos.

“Quando se deseja penetrar no segredo da realidade, somente se consegue pelo caminho do símbolo, da imagem, do mito”.¹⁶ Na experiência religiosa o transcendente não é objetivável, não se limita a palavras definidas, percebe-se como mistério e necessita de

¹⁴ CARDITA, Ângelo. *O mistério, o rito e a fé: para uma recondução antropológica da teologia litúrgico-sacramental*. Lisboa: BOND, 2007. p. 375.

¹⁵ CROATTO..., 2001.

¹⁶ MARDONES, J. Maria. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. São Paulo, 2006, p. 15.

mediações para expressar essa realidade. “O símbolo é o modo humano de articular a realidade, fruto de uma relação tensa de ruptura e união do homem com seu mundo que se lhe abre uma compreensão numinosa da realidade”.¹⁷

O símbolo é uma ferramenta humana capaz de criar a identidade cultural-religiosa de uma comunidade ou de um povo e, segundo Cardita, (2007), uma forma de expressão e comunicação mais profunda dos sentimentos e experiências e das “realidades mais densas” da existência humana.

A descrição da importância dos símbolos nos espaços religiosos permite vislumbrar a diversidade de símbolos que transitam na comunicação da Experiência Religiosa. Focaliza-se em alguns símbolos de comunicação e resistência e que fazem parte de uma identidade cultural nas tradições monoteístas e nas tradições afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda).

A função social e religiosa do símbolo nas tradições religiosas

O símbolo não é só receptor de uma hierofania, ele se comunica, gera vínculos de vida, de resistência e de memória. O significado dos símbolos não é dado previamente, mas está vinculado a uma vivência, a uma experiência de vida. A relação correta dos símbolos resulta, por um lado, de sua posição no contexto da biografia da pessoa e, por outro, de sua relação com os demais símbolos do contexto coletivo em que se está imerso. Neste artigo, focaliza-se uma experiência religiosa que se explicita em símbolos que trazem um contexto histórico que faz parte de uma identidade cultural de luta e vida coletiva, de povos, de coletividades.

Na tradição judaica a Menorah é um símbolo religioso muito importante. Menorah (em hebraico sing., significa “candelabro”) ou candelabro de ouro é o símbolo religioso mais importante na história do povo judeu, constitui hoje o símbolo nacional do povo que voltou à sua terra. Representa a libertação, a independência, o orgulho judaico. A função da Menorah é a de dar luz por meio de suas velas; na Torá e no judaísmo a luz simboliza a sabedoria e a inteligência. Na Menorah havia sete lâmpadas ao todo: uma haste central e três braços que saíam de cada lado. O fogo e a iluminação sempre tiveram papel muito

¹⁷ MARDONES..., 2006, p. 91.

importante nos ritos religiosos. A palavra “luz”, conforme aparece na Bíblia e nos escritos rabínicos, tinha grande significado simbólico.

No Cristianismo, há muitos símbolos. A vela acesa, por exemplo, está presente em muitos momentos do processo da vida cristã. No Batismo, no Círio Pascal que significa Cristo Ressuscitado, e principalmente nas orações da fé popular em que se ligam a vida e a fé. As pessoas que fazem a ligação histórica e da vida com o Mistério de Cristo por este símbolo da luz captam e testemunham a presença de Deus na realidade, no contexto e ao mesmo tempo orientam seu desejo de intimidade com Deus. O uso das velas bem orientado, não conduz à magia, mas leva a pessoa a uma esperança, a um compromisso por meio de um rito que conduz símbolos. A vela se consome, tem uma dimensão de limitação que carrega nossa humanidade que necessita ser iluminada. Este símbolo está presente em outras tradições religiosas cristãs e não cristãs. Não haveria uma mediação de diálogo a ser explorada através deste símbolo?

O peixe é outro símbolo do cristianismo que traz à memória a esperteza da comunidade primitiva diante das grandes perseguições dos/as cristãos/as. O peixe é um dos primeiros símbolos cristãos, foi utilizado desde os primórdios das comunidades cristãs. É um peixe estilizado. A palavra *Ichtys* significa peixe em grego, sendo também um acrônimo de *Jesus Christus Theou Yicus Soter*. “Jesus Cristo filho de Deus Salvador”. Segundo Fröhlich¹⁸, lê-se que os cristãos, perseguidos e presos eram impedidos de professar a fé publicamente.

Incêndio em Roma. Quando se suspeitou que o imperador Nero tivesse sido o instigador com vista à realização de seus projetos de novas construções, o imperador acusou os cristãos de serem os incendiários. Muitos deles morreram, para a diversão do povo, na areia ou nos jardins de Nero, queimados como tochas vivas para iluminar as noites de festa, e sem que nenhuma prova tivesse sido fornecida da culpa deles.¹⁹

Por isso se serviam de símbolos pintados nas paredes das catacumbas romanas, espaço onde costumavam se reunir para fazer memória de sua fé através da prática secreta do culto. O acróstico mais conhecido pelos primeiros cristãos era o peixe. Este símbolo era desenhado no chão e servia de sinal secreto para que um cristão pudesse falar de Cristo com outro cristão, assim não corria perigo de ser perseguido e jogado nas arenas romanas para

¹⁸ FRÖHLICH, Roland. *História da igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 9-17.

¹⁹ FRÖHLICH, ..., 1987. p. 9.

servir de alimento aos leões. Pode-se afirmar que o símbolo do peixe foi à comunicação que gerou um laço social e religioso de fortalecimento e de resistência.

Note-se como em religiões chamadas do livro também aparecem símbolos que fazem parte de uma identidade. É importante destacar que o Alcorão não especifica nenhum símbolo ou cor para o Islamismo, pois o Islamismo é contra a nomeação de símbolos sagrados. Mas ao longo do tempo, certas imagens e cores tomaram um significado especial e hoje se identifica culturalmente o símbolo da Lua Crescente com Estrela. Representa o calendário lunar que é regente das vidas religiosas e representa o calendário muçulmano, e a estrela representa Alá.

O símbolo passou a ser usado na bandeira do Império Turco-otomano islâmico e logo após passou a ser identificado como o símbolo dos muçulmanos. Está presente na bandeira da Turquia onde mais de 99% das pessoas são muçulmanas.

Encontramos no Alcorão (Surah 76:31) que os habitantes do paraíso vão usar roupas verdes. A cor verde ocupa um lugar especial no Islamismo, é usada na decoração de mesquitas e nas bandeiras de vários países muçulmanos. A cor verde foi usada pela tribo de Maomé. De acordo com o Islamismo, essa cor representa a natureza e a vida.

Símbolos no Candomblé e na Umbanda

O sincretismo religioso no Brasil foi produto dos cultos de escravos e escravocratas no Brasil.

Os escravos africanos trazidos para o Brasil pertenciam a dois grandes grupos: os de língua banto, habitantes do Congo, Moçambique e Angola; e os da região do Sudão, mais especificamente da República de Benin (os jeje), e da Nigéria (os nagô), ambos com tradições culturais semelhantes.²⁰

O Candomblé chega ao Brasil entre os séculos XVI e XIX com o tráfico de escravos negros da África Ocidental. Destacaram-se dois grupos: os sudaneses e os bantos. Os bantos entraram em contato com outros valores da cultura do país, surgindo assim a Umbanda e o Candomblé, as duas mais importantes expressões das religiões afro-brasileiras. A visão africana influenciou os símbolos do Candomblé, mas também o processo da escravidão e o

²⁰ CORREA, Norton. Panorama das religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. In: ORO, Pedro Ari (Org.). *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1994. p. 11.

transplante violento da religião nagô no Brasil estão refletidos na composição dos símbolos do Candomblé.

Historicamente, essas religiões com raízes africanas.

Tinham sido antes de tudo um instrumento de solidariedade para todos os membros de uma raça que, outrora independente, havia sido desenraizada de sua área geográfica e cultural e que, doravante, contava somente escravos em suas filas²¹.

O movimento negro elegeu o Candomblé como um dos mais importantes símbolos de distintividade negra no Brasil.

Um dos principais símbolos do Candomblé são os Fios de Contas ou Guias. São feitos de miçangas coloridas conforme seu orixá. Por exemplos, Oxum – contas douradas ou âmbar; Iemanjá – contas brancas; Xangô – contas vermelhas; Ogum – contas verdes ou azul-marinho; Oxalá – contas brancas; Exu – contas pretas. Os colares são feitos de miçangas coloridas de acordo com o orixá e com ou grau de iniciação da pessoa que participa.

O templo umbandista é chamado comumente, pelos seus próprios praticantes, de “terreiro” ou “terreira”. Os terreiros foram os espaços vitais para recriar os espaços simbólicos e a manutenção da vida tradicional. Na Nigéria e em Daomé, os orixás eram cultuados no país inteiro; no Brasil, os terreiros foram espaços de resistência a sua cultura e religiosidade. Nesses pequenos espaços, concentraram-se “simbolicamente” pequenos grupos, famílias que criaram laços através do cultivo de seus ritos e do cuidado de seus símbolos. Os terreiros ou terreiras configuram a representação simbólica e ritualística africana no Brasil.

Outro símbolo importante para a Umbanda é a estrela de cinco pontas. Significa fortíssima proteção e equilíbrio. Cada uma de suas pontas representa um elemento da natureza (água, fogo, terra e ar), e o elemento unificador: o Espírito. Um símbolo importante de vida em toda a criação.

A receptividade das religiões afro-brasileiras em outros países também se deve a sua capacidade de relacionar seus bens simbólicos com as seguintes características: tolerância, universalidades, emoções, carismas, amor ao mistério, são coletivistas e pessoais, mantêm uma sacralidade de toda a história, desde o sofrimento até a natureza.

²¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Evolution et créations religieuses: les cultes afro-brésiliens. *Diogenes*, Paris, n. 115, p.161, Jul./Sept. 1981.

Considerações finais

A linguagem simbólica comunica-se e recria-se nos espaços religiosos. Ela tem uma semântica histórica e social que carrega com leveza e abrange uma dimensão antropológica e cosmológica que continua sendo atualizada. Nas tradições religiosas escolhidas neste artigo manifesta-se a importância dos símbolos que se transmitiram de geração em geração em relação a um contexto histórico. Neste caso, destacam-se o Menorah e a Luz como símbolos históricos que recriam laços de vida, que tocam dimensões antropológicas, teológicas e cosmológicas. Na tradição Islâmica, o símbolo está relacionado ao território. Nas religiões afro-brasileiras, aborda-se a importância que elas cultivam por meio da linguagem simbólica, criando identidades de resistências, de abertura e de referências afetivo- culturais que se recriam na arte simbólica dos diferentes ritos.

O símbolo tem uma função social e religiosa, mantém de modo duradouro a relação com os outros/as e com isso a importância indispensável na formação da identidade de um grupo, de uma tradição. Quando os símbolos perdem a transparência de seu contexto histórico, eles são facilmente manipuláveis, e o sistema consumista explora os símbolos, dando outro sentido e desconectando da tradição histórica das coletividades.

O símbolo é primordial em uma experiência religiosa, e o fenômeno religioso se recria no olhar educativo da arte simbólica, uma trilha que necessita ser explorada nos espaços de aprendizagem, seja acadêmicos ou religiosos. Os espaços acadêmicos e religiosos têm poucos lugares para saborear a arte simbólica que necessita do silêncio e da observação contextualizada.

Referências

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CARDITA, Ângelo. *O mistério, o rito e a fé: para uma recondução antropológica da teologia litúrgica-sacramental*. Lisboa: BOND, 2007.

CROATTO, J. Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo, Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia do Bolso, 2005.

LIBÂNIO, J. Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

MARDONES, J. Maria. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. São Paulo, 2006.

ORO, Pedro Ari (Org.). As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. In: CORREA, Norton. *Panorama das religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1994, p. 9-44.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e sua relação com o racional*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985. Publicado originalmente em 1917, *Das Heilige*.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Evolution et creations religieuses: les cultes afro-brésiliens. *Diogenes*, Paris, n. 115, p. 3-24, Jul./Sept. 1981.

TILLICH, Paul. *Systematic theolgy*. São Paulo: Paulinas, 1967.

VASCONCELOS, E. Mourão. *A espiritualidade no cuidado e na educação em saúde*. São Paulo: Hucite, 2006. p.13-157.
